



“GRUPO CÉUS LIMPOS” DIVULGA TESTEMUNHOS COMPROMETEDORES

# HOUVE MÃO CRIMINOSA NOS INCÊNDIOS

O “Grupo Céus Limpos” promoveu, no passado dia 23 de Janeiro, em Oliveira do Hospital, uma sessão de apresentação, onde deu a conhecer os seus objectivos, os quais visam apurar as causas mais profundas que estiveram na base da violência e extensão dos incêndios ocorridos a 15 e 16 de Outubro de 2017, na Região Centro. E não tem dúvidas da existência de indícios de crimes, com base nos testemunhos de pessoas presentes nesta sessão de esclarecimento, disponibilizando-se em os dar a conhecer às autoridades que investiguem o caso.

**T**rata-se de um grupo informal, formado em Dezembro de 2017, que tem como uma das suas principais figuras, Conny Kadia, tradutora, professora de música em Tábua e activista ambiental de Oliveira do Hospital; João Dinis, dirigente da Confederação Nacional de Agricultura (CNA); Júlio Pereira Santos, Assistente Operacional no Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital e Maria João Sousa, da empresa “Já Verde”, especializada na manutenção e reflorestação de quintas e florestas, de Espariz/Tábua.

“Queremos contribuir para reconstruir esta vasta região e prevenir melhor o futuro para que, por cá, nos nossos campos, aldeias, vilas e cidades, possamos continuar a trabalhar e a viver com melhores condições”, sublinhou João Dinis, da CNA. Apontou as causas do “maior desastre socioeconómico e ambiental de que há memória em toda a região e no País inteiro”, relevando a “desertificação” humana e ambiental de vastas áreas, muito em consequência da ruína e dificuldades várias da agricultura familiar e da floresta multifuncional; a “mistura ideal” de elementos: a seca profunda, o vento forte e quente, a enorme quantidade de combustíveis armazenados ou “congregados”, as chamadas “projeções do fogo” e um “vazio ideal” de instrumentos e recursos, pois não houve energia eléctrica nem água na rede pública, nem telecomunicações – as estradas ficaram praticamente intransitáveis – muito menos “Protecção Civil” que se visse!”.

**Testemunhas do crime.** O Grupo propõe uma investigação exaustiva, continuada e sem reservas mentais ou orçamentais, a cargo dos organismos públicos vocacionados para o efeito, sobre as principais causas e consequências. E deu a conhecer alguns testemunhos de pessoas, presentes nesta sessão em Oliveira do Hospital, as quais, alegadamente, comprovam ter havido mão criminosa no flagelo.

É o caso do testemunho de Maria João Sousa e familiares, da empresa “Já Verde”, que sublinhou ter visto um avião, na noite do dia 15 Outubro, de cor amarela, parecido com os Canadairs, voando de Santa Comba Dão, passando pelo lado sul de Tábua e seguindo para Oliveira do Hospital, e poucos minutos depois tudo estava em chamas. Diz ter registado muitas explosões e muita gente viu bolas de fogo – tipo fios de fogo – a cair do céu e a incendiar toda a vegetação.

Também há pessoas que viram drones a passar e a deitar fogo, no meio da noite, mas essas pessoas não querem testemunhar, por medo de perder o trabalho.



Há indícios fortes de mão criminosa nos fogos

Eis o testemunho de Katarina, também presente nesta sessão: “Em São Martinho da Cortiça foi visto um helicóptero a deitar fios de fogo, provocando o acendimento do mato. Os rebentamentos foram repetidos, talvez quatro rebentamentos de cada vez, durante quatro segundos e várias vezes durante a noite. Não foram botijas a gás, nem fios de alta tensão; manchas de cor laranja surgiram na floresta duas semanas depois do fogo, e agora, quatro meses depois, outra vez, de uma forma mais disseminada. Seria necessário fazer uma análise ao solo para saber a

origem deste fungo”. Também a Isabel, residente em Espariz, não tem dúvidas: “Ouvi um avião passar, demasiados rebentamentos, muitas pessoas em pânico, nem um bombeiro em lado nenhum”.

Júlio Santos Pereira, de Bobadela, esclareceu sobre o que viu e ouviu: “Ouvi um som a passar por cima da minha cabeça, nas copas das árvores. Em segundos, explodiu a Casa do Espírito... e minutos depois, noutras casas vizinhas, rebentaram botijas de gás e os carros na oficina ao lado... Achei estranho o telhado da Casa do Espírito rebentar, mas as madeiras e outras instalações, à volta da casa, não arderam. Pássaros caíram-me na cabeça, mortos, muito fumo e chamas no ar. E pergunto: o que se vai plantar agora na floresta? A falta de vegetação vai agravar a vida na nossa região”.

Conny Kadia acredita que as pulverizações químicas, os chamados “rastros químicos” provocados por aviões nos céus, ao longo dos últimos anos, têm agravado a intensidade dos incêndios em Portugal, principalmente desde 2010. Estes químicos pulverizados são altamente inflamáveis e explosivos. “Na manhã de 16 Outubro acordei e houve um nevoeiro muito denso, amarelo escuro, surreal. Os solos devem ser analisados, de forma a apurar se estão contaminados com esses químicos, como, por exemplo, o alumínio, magnésio, lítio, manganês e talvez napalm, sendo esta uma provável explicação pelo facto de ter ardido 97 por cento do concelho de Oliveira do Hospital”.

A activista deste grupo diz ter ouvido, no dia 15 de Outubro, por volta das 17 horas, um avião, entre os três e os seis mil metros de altitude, a pulverizar com muito barulho, voando de Oeste para Este. E sublinhou: “Estes produtos pulverizados encontram-se na nossa atmosfera, e, ao longo dos anos, impregnam a vegetação com uma manta inflamável. Isto pode ser uma das explicações para ser analisada pelos nossos cientistas da Comissão Técnica Independente, principalmente nos fogos em Pedrógão Grande, tal como em Oliveira do Hospital.

“Chamas a voar por cima das casas” e ‘línguas de fogo’ nas estradas de alcatrão, no meio das aldeias! “A terra estava a arder e as árvores ardiam por dentro e em baixo, pois as raízes, a vegetação e o solo já estavam cheias desses químicos”, disse.

São estas perguntas que o “Grupo Céus Limpos” coloca, para reflexão, a todas as instituições envolvidas e ao Governo, questionando porque deram autorização para a intoxicação do espaço aéreo em Portugal.

A próxima sessão promovida por este Grupo, e aberta ao público, terá lugar no dia 3 de Fevereiro, pelas 14H30, no Auditório da Biblioteca Municipal de Oliveira do Hospital, onde intervirá o terapeuta Benjamim Levy, de Lisboa. O tema será “Geoengenharia para controlo do clima – uma arma não oficial, exótica... e incontrolável”.